

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Treinamento e Desenvolvimento
Faculdade de Educação
Departamento de Fundamentos da Educação
Curso de Especialização em Psicopedagogia

AFETIVIDADE E LUDICIDADE COMO
INDUTORAS DA APRENDIZAGEM
PSICOPEDAGÓGICA

Milena Mendes Costa

Fortaleza – Ceará
2005

AFETIVIDADE E LUDICIDADE COMO INDUTORAS DA APRENDIZAGEM PSICOPEDAGOGICA

Milena Mendes Costa

**Monografia submetida à Coordenação
do Curso de Especialização em Psico-
pedagogia como requisito para a ob-
tenção do título de especialista pela
Universidade Federal do Ceará.**

Fortaleza 2005

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade. A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Milena Mendes Costa

Monografia aprovada em: ____/____/____

Orientadora
Prof^a Dra. Helena Cláudia Frota de Holanda

“O Homem seguiu o racionalismo até um ponto em que o racionalismo se transformou em completa irracionalidade.

Desde Descartes, o homem vem separando sempre mais o pensamento se considera racional – o afeto, pela própria natureza, irracional; a pessoa, eu, foi composta num intelecto, que constitui o meu ser, e que deve controlar a mim como deve controlar a natureza.

O domínio da natureza pelo intelecto e a produção de mais e mais tornaram-se as metas supremas da vida.

Nesse processo, o homem se converteu numa coisa, a vida ficou subordinada à propriedade, o ser é dominado pelo haver.’

Enrich Fromm

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e em especial à minha mãe que, de um modo ou de outro, procurou indicar-me o caminho da perseverança e da conquista.

RESUMO

O comportamento do ser humano e a sua evolução educativa nota-se através de uma aprendizagem espontânea da criança correlacionadas ao ambiente ao qual ela está inserida. O processo educativo fundamenta-se em desenvolver a compreensão, a experiência e as maneiras de utilização das habilidades emocionais de modo equilibrado e positivo. Os jogos psicopedagógicos e atividades lúdicas contribuem no desenvolvimento cognitivo e afetivo do aprendente, pois é ferramenta principal para o conhecimento das potencialidades ou dificuldades diante do objeto de estudo proposto a criança. O trabalho do psicopedagogo é significativo e cooperativo visto que a montagem de uma equipe multidisciplinar contribui para um bom desempenho do intelectual e emocional dentro de situações de aprendizagem que irão socializar o conhecimento, vencendo problemas de aprendizagem ajudando o educador a facilitar o processo de assimilação das características destacadas nas etapas de ensino de aprendizagem. Pretende-se com este trabalho uma junção de dados bibliográficos aprofundando os conteúdos nas áreas afetivas e lúdicas, optou-se fazer um estudo proporcionando um melhor conhecimento um melhor conhecimento sobre a relação existente entre a aprendizagem e o desenvolvimento sócio afetivo dos indivíduos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - PSICOPEDAGOGIA	
1.1 – Á Ética do Psicopedagogo.....	10
1.2 – A Abordagem Psicopedagógica da Aprendizagem.....	11
CAPÍTULO 2 - ASPECTO DA APRENDIZAGEM	
2.1 – A Linguagem e Pensamento na Aprendizagem.....	14
CAPÍTULO 3 – PROCESSO AFETIVO E INTELECTUAL	
3.1 – A Inteligência, Afetividade e Aprendizagem.....	17
3.2 – O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança.....	20
CAPÍTULO 4 – O BRINQUEDO NO COGNITIVO / AFETIVO	
4.1 – O Brinquedo numa Perspectiva Psicopedagógica Valorizando o Cognitivo e o Afetivo.....	22
CAPÍTULO 5 – O AFETIVO E O INTELECTUAL NA ESCOLARIDADE	
5.1 – Como a Afetividade e a Inteligência se processam na Vida Escolar.....	26
CONCLUSÃO.....	28
ANEXO 1	
- Jogos e Brincadeiras.....	30
ANEXO :2	
- Dinâmicas.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

INTRODUÇÃO

Considera-se o estudo da afetividade como apoio básico para o professor, o qual tem que defender a importância das relações afetivas em sala de aula.

Assim como há um aumento com a preocupação a respeito do processo de conhecimento da aprendizagem de uma criança, é necessário iniciar-se o estudo das relações que de aprendizagem que vão favorecer uma ação pedagógica mais completa e eficaz.

As atividades lúcidas também desenvolvem na criança suas atitudes de autonomia e cooperação, interagindo de forma ativa e construtiva. A expectativa voltada dos jogos infantis e de que os educadores utilizem a prática do jogo como maneira de aperfeiçoar o desenvolvimento infantil.

O brincar vem se mostrando característica da infância que está diretamente ligada a um aspecto sócio-cultural, visto que a integração de uma atividade lúdica influi na formação de personalidade da criança, ou seja, no desenvolvimento social, cognitivo e afetivo.

As informações abordadas pelos diversos capítulos analisam, o desenvolvimento intelectual da criança causando uma reflexão do educador, cada vez mais comprometido com o desenvolvimento de um ser em sua totalidade.

A assimilação do conhecimento renova as possibilidades de entendimento da realidade sobre a afetividade e o funcionamento emocional das crianças cuja maturação influência e afeta o comportamento humano refletindo sobre a capacidade do homem de aprender.

O grande desafio é atingir o equilíbrio entre o afeto e o desenvolvimento das capacidades e competências das crianças, podendo interferir na realização de alguma atividade de aprendizagem estabelecidas pela mesma.

Segundo Dantas (1992,p.20), à medida que a inteligência, por sua vez, segue vão atingindo novos estágios, a afetividade vai se racionalizando, pois as conquistas realizadas no plano da inteligência são, por sua vez, incorporadas no plano da afetividade. Desse modo, a evolução completa do ser depende, em grande parte, da reciprocidade entre ambos.

Para alcançar o objetivo de uma íntegra compreensão a cerca das dificuldades surgidas nas etapas afetivas de aprendizagem das crianças realiza-se, uma revisão bibliográfica baseada nas referências dos pesquisadores sobre o assunto demonstrado.

Espera-se contribuir para que os educadores possam identificar os bloqueios de aprendizagem apresentados nas crianças impedindo o sucesso nas etapas cognitivas e afetivas adequadas a cada indivíduo.

Assim, produzir um entendimento sobre o desenvolvimento intelectual de um ser é saber estabelecer relações entre a ciência (conhecimento / inteligência) com valores ou atividade, dentro do processo educacional de cada sujeito.

CAPÍTULO 1

PSICOPEDAGOGIA

1.1 – A Ética do Psicopedagogo

Direcionando na existência de alguns indivíduos tidos como normais em seu desenvolvimento intelectual, porém apresentam dificuldades as quais impossibilitam-nas de um êxito escolar e vão ao longo dos anos ficando em desvantagens em sua escolaridade. A diversidade educativa é valorizada pelas diferentes áreas de conhecimento como filosofia, sociologia, ciências médicas e pela psicolingüística, e destacam-se também as relevantes pesquisas de Piaget e outros integraram o desenvolvimento de uma educação de qualidade, afirma Barone, citado por Scoz (1990,p.17).

Observando a dificuldade das crianças em atingir sucesso na vida escolar, surge o psicopedagogo, profissional que, segundo Mery e Scoz (1985), psicopedagoga francesa, encara a sua do ponto de vista pedagógico e psicológico, assumindo uma diversificada função, um professor que realize suas atividades de pedagogo sem desvincular os objetivos terapêuticos em questão.

SCOZ (1990, p.17), destaca atividade do psicopedagogo deve ser constituída em alguns princípios ferais:

1 - O psicopedagogo crê que toda pessoa tem direito ao completo saber, demonstrando pela sua cultura.

2 - O desenvolvimento da leitura e escrita é primordial na aquisição do conhecimento nas mais atuais sociedades.

3 – O psicopedagogo tem que direcionar suas ações dentro dos princípios da liberdade do ser.

4 – Agir com uma função de sua ação fazer educativo e o entendimento de fatores psicológicos no processo de aprendizagem, admitir a ciência como um bem universal que por sua vez ajudará nas várias modalidades profissionais.

5 – Valorize a influência do ambiente familiar como meio de aspectos culturais, tendo que agir em parceria com a família e direcionar, estudar e entender a reciprocidade do relacionamento familiar que vão dar origem às dificuldades de aprendizagem.

6 – Reconhecer o ambiente escolar como local especial para a transferência da cultura e destacar também a importância de vários grupos sociais. Primordialmente, avaliar a maneira crítica diante das dificuldades causadas pelo estabelecimento escolar. Desse modo, aceitar que a acomodação da criança às cobranças escolares, é instituir uma reciprocidade ativa onde a criança será a base principal na formação do saber.

Essas etapas são, essencialmente, instrumentos que valorizam do psicopedagogo juntamente com a fundação de um código de ética e o prestígio legal da profissão.

1.2 - A Abordagem Psicopedagógica da Aprendizagem

Segundo Kiguel e Scoz (1983), a psicopedagogia terapêutica é inovadora quando aparece de uma unificação entre a pedagogia e a psicologia, com o objetivo de uma junção das ciências pedagógicas, psicológicas, fonoaudiológica, neuropsicológicas e psicolingüística para um entendimento mais completo dos aspectos que se processam a aprendizagem humana.

A psicopedagogia tem como peça chave do estudo a aprendizagem humana, suas ações em um crescimento normal ou já com um certo comprometimento para o indivíduo o desempenho do psicopedagogo se dar como uma maneira de evitar e também de restabelecer a aprendizagem.

Na fase de prevenção o psicopedagogo deve agir nos estabelecimentos escolares, em locais que exponham disciplinas voltadas para os aspectos de aprendizagem (perspectiva-motora de linguagem, cognitiva, emocional) ajudando no desenvolvimento do aluno.

A atividade do psicopedagogo em relação ao restabelecimento da aprendizagem é direcionada às crianças e adolescentes com distúrbios de aprendizagem. Na intenção de ajudar no diagnóstico, no qual foi feito com a ajuda de um grupo interdisciplinar, o psicopedagogo vai utilizar algumas estratégias como anamnese, história de dados do aluno do início da sua vida escolar, relacionamento com a escola, seja direto ou por questionamento, analisar o rendimento da aprendizagem, usar testes psicopedagógicos adequados, solicitar outros exames (psicológicos, neurológicos, oftalmológicos, audiométricos).

Ao final destes resultados o psicopedagogo informa aos familiares as relações da aprendizagem do aluno detectando as evoluções e bloqueios da criança. A partir da compreensão das influências etiológicas dos bloqueios da aprendizagem e o dos relacionamentos causadores de obstáculos na família e na escola, o psicopedagogo direciona as partes fundamentais do acompanhamento psicopedagógico.

Destacando que habitualmente um paciente com distúrbios de aprendizagem já tem como, inicial ou posterior, um distúrbio afetivo, no qual deve ser trabalhado o aspecto emocional paralelamente ou depois de um desenvolvimento psicopedagógico.

Na área emocional, a completa relação afetiva é uma das etapas fundamentais para que aconteça a aprendizagem. Na etapa oral do crescimento destaca um crescimento na habilidade de distinção, identificar o que lhes são familiares. A partir deste momento as dificuldades afetivas, neste processo, influenciarão a capacidade de materializar e determinar ações constantes.

No desenvolvimento anal é valorizado o controle motor, as ações de manipulação, locomoção e descoberta dos objetos tem papel fundamental para a evolução do estabelecimento da autonomia e confiança em si e também a questão da capacidade de competência desenvolvida pela criança. Os obstáculos que se estabelecem direciona a criança para uma distinção da vergonha e dúvida os quais são empecilhos relevantes que irão atrapalhar o surgimento da aprendizagem, o psicopedagogo tem que conhecer que

dificuldades na formação das atividades escolares são influências nesta etapa, que por sua vez atrapalham os processos de análise, síntese, integração perceptiva e orientação especial das crianças.

No processo de latência facilita a criança à aprendizagem formal típica de sala, o aluno passa a dominar, aprovar e ter afeição e são provenientes, após a sua habilidade de realização; ao aluno se prepara para agir dentro de uma escolaridade produtiva. Quando surgem as dificuldades nesta etapa, causarão um sentimento de inferioridade e impotência, o aluno não se desenvolve além de suas oportunidades.

As patologias clínicas que mais aparecem e são oriundas de problemas emocionais são algumas: inquietude, excitação e desatenção, resultando em pouco rendimento ou um desempenho inadequado; dificuldade de organização de suas atividades corriqueiras; dificuldade para finalizar e formar atividades escolares; obstáculos para unificar conhecimento (processo de letramento, silábico, conceitos e outros); atitudes agressivas e empecilho no relacionamento; interferência e formação inadequada da memória; rivalizar atitudes entre as demais crianças causando um “superesforço” ou a desestimulação de adquirir conhecimento, que é um estágio comprometedor na execução das atividades.

“ A psicopedagogia aqui apresentada é concebida como uma práxis dinâmica, tanto em seu contexto interno, isto é, no interior da relação terapêutica, no processo, nos recursos e necessidades do paciente, como no contexto externo, no sentido de que as diferentes concepções teóricas que sustentam a prática estão muito relacionadas com o percurso acadêmico e com o contexto particular e singular da formação pessoal do profissional que exerce a função “. (Rubintein, 1991, p.10)

CAPÍTULO 2

ASPECTO DA APRENDIZAGEM

2.1 – Linguagem e Pensamento na Aprendizagem

Em Piaget (1989), o estudo da linguagem está intrinsecamente ligado à manifestação do pensamento. Suas conclusões são decorrentes das experiências realizadas com as crianças e da observação de seus filhos. Interessa-nos discorrer sobre a linguagem associada ao pensamento, pois o mesmo é o configurar da compreensão. Compreensão que é advinda do conhecer, descobrir e decodificar o mundo, fazendo uma existência refletida, que se sente parte do real.

Na evolução cognitiva proposta por Piaget(1989), é indispensável os conceitos de assimilação, acomodação e adaptação. A assimilação consiste na ação dos sujeitos sobre os objetivos nos sistemas de conduta, cujos esquemas revelam as atividades possíveis de uma repetição eficaz.

Por sua vez, a acomodação é a ação do meio sobre o sujeito. E a adaptação é o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. O bom entendimento desses conceitos se faz básico, pois para Piaget (1989), inteligência é adaptação é o equilíbrio. Esse equilíbrio pode também ser entendido como organização.

O desenvolvimento intelectual foi completamente detalhado por Piaget, tendo em seu sistema evolutivo-genético a atuação de Linguagem como mediadora da formação do pensamento. Interessa-nos aqui o período onde se acha o surgimento da linguagem.

O pensamento simbólico é desenvolvido a partir do segundo ano de vida, onde é iniciado sistemático de utilização da linguagem, na qual o exercício da função simbólica, que permite a representação através de significantes e significados, fica estabelecido, para Piaget “não apenas todo pensamento, mas toda atividade cognitiva ou motora, da percepção e do hábito conceptual e reflexivo, consiste em relacionar significações e toda significação pressupõe uma relação entre um significante e uma realidade significativa”.

Para isso, é inegável o papel da linguagem que na interação criança x realidade possibilita a substituição dos esquemas sensório-motores, já por ela extrapolados por conceitos. Porém essa criança que progride tanto, em tão pouco tempo, ainda não está capacitada a realizar a linguagem interiorizada.

A linguagem é fruto do evoluir intelectual da criança, seu pensamento representativo expressa-se na atividade simbólica.

Dos quatro aos sete anos, observa-se na criança um acréscimo na capacidade de representar, levando-se até o estabelecimento de operações. O pensamento intuitivo é um progresso em relação ao pensamento pré-conceitual. Isso pode ser observado no processo de “centração” e “descentração”, evidenciado principalmente em experiências sobre conservação de objetos, onde ocorre algo que desavisadamente poderíamos chamar de ilusões perceptivas, mas que na verdade é uma percepção exata com elaboração intelectual incompleta.

A fase mais importante no desenvolvimento lingüístico é a fase da fixação da linguagem : a simbólica, onde as palavras correspondem à vida interior. A linguagem organiza-se, fixa-se, desenvolve e aperfeiçoa-se, para acompanhar a criança até a idade adulta. E o professor é o modelador estético e técnico das potencialidades da linguagem verbal.

A criança está em pleno domínio da linguagem verbal, inclusive da manipulação gráfica do desenho, que é forma de atividade verbal, e um interessante meio de comunicação para ela. Inicia-se a atividade gráfico-verbal, com a manipulação de desenho, que a criança realiza falando, aliando o traço à palavra, porque desenhar é criar e realizar, realizando-a, exprimindo seu dinamismo imaginativo. A expressão verbal por ação mecânica é uma atividade psicopedagógica que antecede a escrita.

À medida que a criança tem mais facilidade em expressar-se pode sair do seu aqui e agora temporal, passando a conscientizar-se mais e refletir melhor sobre as ações que executa.

Segundo Vygotsky (1991), o pensamento e a fala desenvolvem-se independentes entre si até os dois anos, onde então ocorre uma complementaridade entre essas atividades.

Dos dois aos sete anos, a criança desenvolve a linguagem que tem atividade interna e externa; interna quando viabiliza o pensamento; externa quando a criança comunica-se socialmente, sem ter noção de que muitos fatos, planos e ações só dizem respeito a sua própria pessoa, não precisando ser comunicados.

Aos sete anos, termina essa função da linguagem e inicia-se o processo da fala interiorizada, a criança entra no período operatório concreto, sua linguagem egocêntrica diminui, ordena idéias, elabora orações logicamente estruturadas, a linguagem é enriquecida pela própria evolução da capacidade de pensar.

A linguagem é indispensável no desenvolver das operações que a criança poderá realizar durante o período, porém a expressão verbal isoladamente não pode garantir o pleno desempenho dessas tarefas operatórias, pois é preciso uma estrutura operatória assimilada no nível das elaborações da criança, que quando manipuladas devem transformar-se em ações interiorizadas.

CAPÍTULO 3

PROCESSO AFETIVO E INTELECTUAL

3.1 – A Inteligência, Afetividade e Aprendizagem

Visca (1991), refere-se a inteligência destacada por Jean Piaget(1989), como não inata, nem adquirida e sim o final de uma formação resultante do relacionamento da criança de acordo com as circunstâncias do seu convívio social e a mesma desenvolve desde o seu nascimento, um adualismo, que se trata incompreensão entre si mesma e o mundo que a cerca e vão se relacionar com os níveis de inteligência.

A inteligência sensório-motora é a primeira a qual vai do nascimento até um ano e meio ou dois. Nesta etapa os movimentos não são representativos; mesmo que a criança ou adulto não avance esta etapa de desenvolvimento, ou por alguma circunstância retrocede a este período, suas ações não são ainda significativas, as mesmas precisam identificar no indivíduo o modo de usar o pensamento como base modificadora de suas ações.

No nível pré-operatório, a inteligência se dá dos seis aos sete ou oito anos, a partir desta idade já se estabelece uma simbolização, superada pelas ações anteriores de movimentos motores, que são fixadas no pensamento das crianças resultando em uma diferenciação com relação ao significante (ações imitadas, riscos figurativos, palavras) com significado (objeto demonstrado) dando condições para a criança exercitar o pensamento.

A inteligência operatória concreta, que se destaca no terceiro nível, que se apresenta dos sete ou oito anos, aos onze ou doze anos, o pensamento do sujeito fica flexível, ou seja, a criança estabelece um conceito sobre um objeto podendo passá-lo de um processo para o outro, tal como em observar um bloco lógico em vários tamanhos e cores, eles são diversificados quanto à tonalidade e tamanhos, porém não modificam sua forma. A partir daí, a criança faz uma operação contrária do pensamento e descobre que o objeto em estudo mudou de cor e tamanho, porém não na sua forma.

O nível da inteligência hipotético-dedutivo é a última etapa a ser desenvolvida. Começa dos onze ou doze anos, até os quinze. O pensamento nesta fase se conclui totalmente separado do objeto, passando a criar entre o pensamento formal e as hipóteses estabelecidas por cada indivíduo, prevalecendo uma idéia superior às operações concretas vista inicialmente. É caracterizado pelo pensamento de pré-adolescente, que cresce gradativamente conseguindo desenvolver um adequado nível de habilidades para distinguir a peculiaridades dos objetivos.

Compreende-se por afetividade um apanhado de significados surgidos a partir de uma inter-relação entre o sujeito no decorrer de sua maturidade, sendo particularmente valorizada através de sua prática de vida em uma certa situação dentro do seu relacionamento social.

Segundo Wallon(1968), afetividade está incutido os sentimentos mais distintos e marcantes como a emoção, a qual é uma das etapas da afetividade destacando alguns requisitos emotivos como: medo, raiva, alegria e timidez, da mesma forma que a inteligência, não surge no indivíduo como aspecto completo e fixo, e sim gradativo pois faz parte de um processo de desenvolvimento do ser humano.

A relação afetiva demonstra inúmeras fases, inclusive os sentimentos subjetivos (amor, raiva, depressão) e aspectos expressivos (sorrisos, lágrimas), o aspecto afetivo tem uma significativa ação nas etapas do desenvolvimento intelectual do indivíduo, podendo progredir ou bloquear o desenvolver da aprendizagem.

Algumas crianças enfrentam sérias dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não lhes é fácil abstrair e generalizar, sofrem inúmeros medos e problemas de relacionamento com outras crianças e adultos. É prudente, todavia, não se concluir que todas as crianças com problemas de aprendizagem escolar são crianças difíceis ou anormais, além disso, as emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelecem relações com defeitos físicos, concepções ou outros indivíduos. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos.

Dar afeto pode, assim ser entendido como energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar, ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

Os aspectos cognitivos e afetivos vão sendo formados da mesma maneira que as relações cognitivas sendo adequadas dentro dos níveis de inteligência estabelecida por cada um, sendo os pilares forte dentro dos estímulos ligados aos exercícios intelectuais e das suas definições sobre o objetivo de estudo, pois ajudam no pleno crescimento das habilidades de aprendizagem.

Para Saltini(1997), a criança deseja e necessita ser amada, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.

Ao destacar os processos fundamentais da inteligência e da afetividade, Visca afirma que a aprendizagem é exposta como: a) uma construção, b) influenciado por aspectos estruturais, c) que se completa com uma tematização.

Mesmo com as definições citadas não se pode esquecer que mesmo a aprendizagem também perpassa na sua etapa genética, a mesma valoriza quatro níveis distintos: pronto-aprendizagem (ou aprendizagem dos contatos iniciais), deuterio-aprendizagem (ou apreensão da influência familiar), a aprendizagem assistemática (ou assimilação de comportamentos que ajudam o desempenho dentro da sua comunidade) e a aprendizagem sistemática, centrada nos ambientes educacionais de níveis primários, médios e superior, que no caso são referências ao nosso ambiente escolar.

As bases estruturais da aprendizagem de um indivíduo têm como característica principal a facilidade que o mesmo desenvolve ao exercer o seu pensamento, habilidades e competência diante de qualquer situação gerando assim uma independência de conceitos próprios demonstrando o seu desenvolvimento como ser pensante e atuante no seu convívio social.

3.2 - O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança

Sabe-se que o desenvolvimento afetivo inclui expressividade, comunicação e atitudes marcantes como: sorrisos, gritos e lágrimas. As ligações afetivas se iniciam dentro do convívio familiar, posteriormente na sociedade, em especial no âmbito escolar. A afetividade é uma característica natural do ser humano que busca um equilíbrio entre a aprendizagem e o conhecimento.

A presença do adulto dá à criança condições físicas e emocionais que levam a explorar mais, o ambiente e portanto aprender.

Por outro lado, a interação humana, envolve também a afetividade, a emoção como elemento básico, assim é através da interação com outros indivíduos mais experientes do seu convívio social que a criança constrói as suas funções mentais e forma a sua personalidade.

A motivação para desenvolver a aprendizagem intelectual, consiste em destacar o reconhecimento pessoal de cada aprendente ao compreender os aspectos cognitivos e afetivos que estão ligados aos objetivos do indivíduo tais como: idéias, projetos e sua visão de mundo.

O desenvolvimento intelectual influencia o processo cognitivo da criança, libertando-a do egocentrismo e levando-a a procurar a objetividade em suas ações mentais.

A criança passa a entender com eficácia tais processos como: organização e estruturação do conhecimento, as ações passam a serem expostas com mais logicidade caracterizando estruturas mentais reagentes das atitudes comportamentais de cada sujeito, pois constituem um comportamento cognitivo, responsável pelas competências e habilidades das crianças, quando as mesmas conseguem estabelecer uma determinada evolução em seu desenvolvimento intelectual.

Piaget(1992), fala que o desenvolvimento intelectual se estabelece também em vários estágios como:

1- Estágio sensório-motor (0 a 2 anos) que é explorada de uma maneira perceptiva através das ações sem demonstrar pensamento, linguagem e conceitos diante do objeto em estudo. Ela se dá em situações normais que não requer grande conhecimento.

2- Estágio simbólico ou pré-operatório (dois a sete anos) define-se pelo período do faz de conta. A criança desenvolve a capacidade e inteligência simbólica , esta etapa também desenvolve bastante a linguagem.

3- Estágio das operações concretas (7 a 11 anos), a criança já possui um certo raciocínio lógico diante das situações problemas, podendo ocorrer “erros” apontados anteriormente: ela possui uma organização mental completa, é o começo do raciocínio abstrato.

4- Estágio das operações formais (12 anos em diante), a criança desenvolve seus próprios conceitos e raciocínio abstrato.

Os Estágios do desenvolvimento, caracterizam as formas diversificadas do indivíduo desenvolver e interagir com a realidade, de organizar seu conhecimento com o objetivo de uma adaptação. A criança constrói sua própria organização mental envolvendo aspectos motor, intelectual e afetivo.

CAPÍTULO 4

O BRINQUEDO NO COGNITIVO E AFETIVO

4.1 – O brinquedo numa perspectiva Psicopedagógica valorizando o cognitivo e afetivo.

Brincar não é um desperdício de tempo como muitos pensam, é através do brincar que a criança se encontra com o mundo de corpo e alma, ela vê e constrói, expressa aquilo que tem dificuldades de expressar em palavras. Suas escolhas é incentivada por processos e desejos íntimos, problemas e ansiedades. É brincando que a criança descobre quando se “perde” no jogo, o mundo não se acaba.

Em todas as culturas, desde os mais antigos que se produziram e utilizaram brinquedos, a boneca e a bola são dos mais antigos que se tem notícia e mais difundidos em todas as culturas.

O interesse pelo estudo do brinquedo também é muito antigo. E isso talvez decorra do fato de que o brinquedo e o jogo façam parte tão intrínseca da vida infantil e juvenil. Entender seu significado é um caminho muito útil, se não mesmo necessário, para conhecer a própria criança e seu processo de desenvolvimento. O brinquedo foi objeto de filósofos, psicólogos, psicanalistas médicos, terapeutas, educadores e pais, portanto nos mais vários campos das ciências e das práticas sociais.

O brincar é algo tão espontâneo, natural, próprio da criança que não haverá como compreender sua vida sem brinquedo. É sobretudo, uma atividade social e cultural, o brinquedo ajuda no desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e físico da criança.

A psicopedagogia fica atenta à maneira que a criança brinca, pode influir no seu processo de aprendizagem.

A criança percebe que, para ganhar, precisa utilizar o raciocínio, quando ela pensa sobre as razões de sua vitória ou fracasso, ele vai criando hipóteses e essas hipóteses podem auxiliar no seu processo de aprendizagem escolar. Muitas crianças chegam ao consultório

para um acompanhamento psicopedagógico completamente desacreditadas de si mesma, se sentindo incapazes de aprender.

Ao jogar a criança vai dividendo e socializando regras por meio desta experiência, pode ajudar na reestruturação da auto estima e de um convívio saudável enquanto a sua formação como adulto.

Segundo Santos (2000), a brinquedoteca é o espaço certo da luciedade, da empatia, da auto-motivação, ou seja a brinquedoteca facilita o equilíbrio entre razão e emoção.

Os Objetivos de um brinquedoteca são:

- Proporcionar um espaço onde a criança possa brincar sossegada, sem cobranças e sem sentir que está atrapalhando ou perdendo tempo;
- Ajudar o desenvolvimento de uma vida interna rica e da capacidade de concentrar a atenção;
- Incentivar a operatividade das crianças;
- Dar oportunidade à expansão de potencialidades;
- Desenvolver a inteligência, criatividade e sociabilidade;
- Proporcionar acesso a um número de brinquedos, de experiências e de descoberta;
- Dar oportunidade para que aprenda a jogar e a participar;
- Incentivar a valorização do brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social;
- Enriquecer o relacionamento entre as crianças e suas famílias;
- Valorizar os sentimentos afetivos e cultivar a sensibilidade.

“ As atividades lúcidas desenvolvemos aspectos cognitivos e afetivos, influenciam a linguagem, criatividade, dando oportunidade da criança “pensar”, formar seus próprios conhecimentos.”(Negrine, 1994).

O jogo é uma das etapas fundamentais no desenvolvimento de uma criança pois ao jogar, ela passa a usar o seu imaginário apresentando interesse e exercitando a sua racionalidade. A maneira que o educador deve usar os jogos em sala de aula é como um recurso para auxiliar a aprendizagem.

O jogo é um desafio a ser vencido, com características cognitiva, motora, sensorial ou até mesmo ligada à sorte, as ordens ou regras são componentes importantes de educação, pois os participantes a aprender a se relacionar, por meio de normas que regem o próprio

convívio, assimilando livremente a utilidade de organização dos seus próprios conhecimento no que se refere a direito e deveres. Para Piaget (1975), a criança estimula seu raciocínio lógico, estabelece a autonomia, cooperação no âmbito social, ajudando a vencer o egocentrismo, esta etapa é importante para se expor vários aspectos como: regras, discussão, comparação e dedução.

Ao observar as ações das crianças Piaget (1975) estabeleceu uma característica para definir os jogos: jogo de exercício, jogo simbólico e jogo de regras. No que se refere ao jogo de exercício, irá se destacar na fase sensório motora iniciando no nascimento até o desenvolvimento da linguagem, a criança passa a imitar, acontecendo um processo de assimilação funcional, sem que sejam expostos regras, ou seja, ela cumpre a atividade apenas pela satisfação pessoal.

O jogo simbólico se concretiza do surgimento da linguagem até 6/7 anos no qual a característica do pensamento cresce, devido as suas ações, a criança usa suas idéias simbolicamente para entender a função das informações relacionadas com a realidade. O mundo do faz de conta desaparece, surgindo desejos e conflitos. O símbolo é um meio de entender o real e a curiosidade da criança, elas fazem uma relação entre a linguagem e o seu pensamento.

Ao final temos o jogo de regras, dos 6/7 anos em debate, as relações sociais ou interpessoais usando conceitos como justiça e honestidade, a regra se destaca neste jogo podendo agir de modo coletivo.

A função da regra diante do jogo, mesmo originando-se de uma situação-problema imaginária, é possível promover na criança uma organização mais clara da sua interação com os demais indivíduos no seu convívio.

A regra é uma fundamentação completa e concreta do desenvolvimento da criança, pois da oportunidade à criança de um aprendizagem prazerosa por meio do lúcido e das experiências contidas em jogos e brincadeiras.

A aprendizagem e a afetividade estão também ligadas a aspectos que influenciam o desenvolvimento da criança a psicopedagogia intervém auxiliando aquelas crianças com

dificuldades de aprendizagem que na maioria tem origem dos seus bloqueios no lado sócio-afetivo do indivíduo.

A psicopedagogia veio ajudar a criança em vários aspectos como: cognitivo, social e emocional.

Fagali e Vale (1998, p.9), destacam:

“A psicopedagogia surgiu como uma necessidade de compreender os problemas de aprendizagem, refletindo sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo, implícitas nas situações de aprendizagem.(1998, p.9).”

No âmbito educacional prática psicopedagógica vem a cessar ou diminuir os problemas de aprendizagem, ajudando o educador em sua prática docente.

“O Trabalho psicopedagógico, pode e deve ser pensando a partir da instituição escolar, a qual cumpre uma importante função social: a de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo. A escola, afinal, é responsável por grande parte da aprendizagem do ser humano. (Bossa, 2002,p.90)”

Existem várias técnicas e maneiras de um psicopedagogo desenvolver as potencialidades e romper alguns bloqueios ou dificuldades de aprendizagem, as dinâmicas de grupo, jogos cotidianos e brincadeiras pedagógicas são ferramentas de grande relevância no processo da construção do conhecimento. Ao final desta pesquisa bibliografia está em anexo algumas práticas lúcidas que são importantes em qualquer processo de aprendizagem visto que o nosso objetivo é formar um ser capacitado a agir e reagir diante de sua realidade.

CAPÍTULO 5

O AFETIVO E O INTELLECTUAL NA ESCOLARIDADE

5.1 - Como a afetividade e a inteligência se processam na vida escolar.

Na interação que o professor e o aluno estabelecem no âmbito escolar, os fatores afetivos e cognitivos de ambos exercem influência decisiva. Para que essa interação possa levar à construção de conhecimento, “a interpretação que o professor“ faz do comportamento dos alunos é fundamental.

O educador precisa estar atento ao fato de que existem muitas significações possíveis para os comportamentos demonstrados por seus alunos., buscando verificar quais delas melhor traduzem as intenções verdadeiras de aprendizagem. Além disso, o educador precisa entender que aspectos da sua própria personalidade – seus desejos, preocupações e valores- influem em seu comportamento, ao longo de interações que o mesmo mantém com a classe.

Além disso, mesmo reconhecendo a importância dos fatores emocionais e afetivos na aprendizagem, o objetivo da ação da escola, não é resolver dificuldades nesta área. O específico na instituição escolar, é propiciar a aquisição e reformulação dos conhecimentos elaborados por uma sociedade capaz de auxiliar no desenvolvimento intelectual e social da criança.

Todo ser humano pode se desenvolver com sucesso desde o seu início no ambiente escolar, seja elaborado para desabrochar o processo de inteligência com clareza e objetividade. Porém alguns aspectos são relevantes como: um ambiente acolhedor, que promova a liberdade de pensamento; que incentive a ousadia na forma de expressão; que valorize a descoberta do novo. Daí a preocupação em fazer da escola também um local onde os outros possam aperfeiçoar seus processos sensoriais, perceptivos e imaginativos. Esta posição contribui para que a escola ajuste sua função de instituição social voltada para a ação que leve as crianças a construir conhecimentos cada vez mais complexos e bem elaborados.

Para o educador, um dos trabalhos mais primordiais a serem executados é motivar os alunos procurar fazer com que o processo de aprendizagem leve as crianças a colocar toda a sua energia para vencer obstáculos intelectuais que a escola lhe coloca.

A aprendizagem é facilitada quando o indivíduo se assegura de informações sobre o seu próprio desempenho diante das situações apresentadas, conhecendo a origem dos “erros” e “acertos” levando o aluno a se auto-avaliar, perceber seus fracassos e sucessos. O cotidiano escolar tem que ser maleável. A interação professor – aluno em relação aos fatores afetivos e cognitivos exercem influências decisivas e marcantes.

A afetividade é a base fundamental para se desenvolver uma etapa primordial no aspecto intelectual da criança, a escola, na maioria das vezes, terá que levar em consideração esses vínculos afetivos pois assim a aprendizagem.

“Se esta relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Se os alunos não se envolvem poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa, nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas.” (Codod, 1999, p. 50).

Devemos compreender que cada criança se apresenta com um certo nível de desenvolvimento intelectual maior ou menor dos outros que estão dentro do seu convívio, ela percorre um longo caminho que vai da dependência absoluta a vivência independente e autônoma da própria identidade individual e social.

“(…) provocar avanços no processo cognitivo do sujeito, as interações adquirem uma função organizadora do conhecimento: é através dessas interações que o sujeito produz formas fundamentalmente novas de comportamento.” Grossi (1992,p.82)

CONCLUSÃO

Esta pesquisa bibliográfica demonstra que aprendizado é ligado ao aprendente a partir do momento que a criança assimila a informação de uma maneira clara e objetiva. A afetividade e a autonomia são fundamentais dentro do processo de ensino/aprendizagem, pois à medida que a criança se torna independente dentro do seu convívio educacional irá sentir mais facilidade em resolver seus problemas.

Os brinquedos e jogos pedagógicos psicopedagógicos, aparecem com um certo destaque no desempenho social, intelectual e cultural de uma criança estimulando a formação do conhecimento e desenvolvendo seu potencial afetivo e emocional.

Além da importância do ato de brincar, não só como forma de descontração, também assumem aspectos psicológicos e pedagógicos, pois as crianças expressam seus desejos e ansiedades, sendo capazes de construir uma interação com o ambiente.

É importante salientar que cada indivíduo, atinge um objetivo dentro de uma visão pessoal de aprendizagem, alguns são mais ágeis e outros mais lentos e o profissional deve compreender esse processo, visto que faz parte do desenvolvimento cognitivo de cada criança.

Desenvolver a individualidade e a aprendizagem, é oportunizar que as crianças demonstrem suas capacidades de experimentar e criar transportando sua aquisição de conhecimento para uma aprendizagem segura e prazerosa.

Então pode-se observar que a atuação do psicopedagogo é ampla, podendo estabelecer uma via de comunicação com a criança, durante a intervenção psipedagógica, usada em alguns problemas de aprendizagem apresentados ao longo do desenvolvimento da mesma..

Na atuação profissional, utilizar-se maneiras de propor jogos psipedagógicos com o objetivo de entender os processos que podem ter levado a criança a uma dificuldade de aprendizagem. É nesse momento que o psicopedagogo, irá perceber o sentido terapêutico interligado aos jogos ajudando assim, uma atividade de intervenção adequada.

A intervenção possibilita ao profissional, uma boa evolução da criança no processo de ensino / aprendizagem, estando esta inserida, dentro de um ambiente estimulador, juntamente com o auxílio do educador, usando situações-problema que influenciam e estimulam o desenvolvimento infantil.

Conclui-se que a aprendizagem, tem no ato de brincar um dos instrumentos mais importantes no processo da aquisição do conhecimento estimulando as habilidades tão essenciais na formação integral de uma criança.

- ANEXOS 1 –

1 - Jogo do Bingo de Palavras

Objetivo: Estimular o interesse das crianças pelos conceitos que serão trabalhados a partir de palavras-chaves direcionadas pelo professor ou sugeridas através do conhecimento prévio sobre o assunto.

Material:

- Cartelas feitas de cartolinas
- Canetinhas ou lápis comum

Procedimentos: O professor distribui cartelas com palavras-chaves escritas em cima e os alunos preenchem de acordo com as letras da palavra-chave.

Avaliação: Observação do nível de habilidade do assunto estudado e a atração para escrita correta das palavras.

2 – Dominó

Atividades propostas: identificar números, repetir numerais, concentrar atenção, contar, competir, pensar.

Objetivo: Desenvolver a coordenação tátil e visual (motricidade), atenção, concentração, estratégia (intelectual), afetividade, caráter, consciência (afetividade e sociabilidade), paciência, honestidade.

3 – Conjunto Silábico

Discrição do brinquedo: Três cartelas emborrachadas de cores amarela, lilás e cinza com vogais e as famílias silábicas.

Atividades propostas: Associar letras, completar palavras, identificar letras, concentrar atenção, compor e decompor.

Objetivo> Desenvolver aspectos como: motricidade (lateralidade, táctico e visual), intelectual (atenção, aprendizado didático), afetividade (senso social), sociabilidade (desafio, colaboração, apoio).

- ANEXOS 2 -

1 – Ato Criativo

Finalidade: Estimular a criatividade dos participantes, levando-se a ir do lógico para o lógico-educativo para o lógico-intuitivo (nível de percepção).

Matéria: Folhas de papel-ofício com dezesseis círculos do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos (referência na página 86), giz de cera, tinta ou lápis de cor.

Descrição:

1 – Distribuir entre os participantes uma folha de papel ofício com dezesseis círculos (do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos).

2 – Orientar cada participante a criar um desenho (o que quiser) usando todos os círculos, espaços e cores.

3 – Depois, com a orientação do coordenador, cada um vai fazer análise do seu ato criativo através das cores (guia de cores) e a partir dos itens:

a) criatividade: se o desenho tem limites (colocar limites não favorece o criar e ter fantasia. Colocar muitos limites indica falta de criatividade);

b) nível de associação: se o desenho é muito estanque, fragmentado, falta associação. Quem tem capacidade de associação tem informações conectadas. Os círculos têm que ter ligação, não podem ser isolados;

c) princípio de semelhança e contraste: o desenho tem que ter movimento, formas que dêem movimento. Ver se o desenho está com sombra e sem sombras;

d) processo de criatividade: constatar como foi o processo criativo, se usou o mapa da sensação (os cinco sentidos). Se o desenho foi numa lógica intuitiva.

Comentário: Esta técnica possibilita ao coordenador perceber como está a criatividade, o nível de associação, o princípio de semelhança e processo criativo das pessoas com quem atua, e a medir o nível de abstração, o nível de percepção cognitiva e sensorial, e traços da personalidade do participante.

2 – Desenho / Imagem

Finalidade: Comunicar por meio do desenho e expressão artística.

Característica: Revela o subconsciente que às vezes o discurso formal esconde.

Material: Folhas de cartolina ou papel, lápis hidrocor, lápis de cor, giz de cera, borracha.

Descrição:

1 – Distribui-se a folha

2 - Pede-se que seja feito um desenho ou colagem, usando a criatividade, e que tenham um significado relacionado com o curso que se está fazendo.

3 – Os desenhos são expostos para observação e comentários.

Comentários:

1 – Pode ser aproveitado em vários momentos e situações de uma atividade. Por exemplo, no início, para se levantar quais as expectativas, ou ao término de um primeiro momento do encontro, quando o participante irá expressar por meio de um desenho a imagem que fazem do grupo até aquele momento.

2 – Pode-se repetir esta técnica ao final do encontro. A comparação pode servir de avaliação que revele as conquistas durante o processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, Nádia. Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico, Porto Alegre, Artes Médicas, 2002.

CODOD, Vanderley. (org) Educação, Carinho e Trabalho. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DANTAS, H. in: LA TAILLE, Yves de, et al. Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão, São Paulo: Pioneira, p.90, 1992.

FAGALI, Eloísa e VALE, Zélia Del Rio do: Psicopedagogia Institucional Aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula. Petrópolis. Vozes, 1998.

GONÇALVES, Ana Maria. Dinâmica de grupos na formação de liderança. Ana Maria Gonçalves, Susam Pérpetuo – Rio de Janeiro: DP&A,1998.

GROSSI, Esther Pillar (org.) Paixão de Aprender. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

KIGUEL, S.M.et SCOZ, Beatriz J.L, Aspectos Psicopedagógicos na Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil. In: Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil, 7?, Canela. Set – 1983.

MERY, J. et SCOZ, Beatriz J.L. Pedagogia Curativa Escolar e Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

NEGRINE, A Aprendizagem e desenvolvimento Infantil – Simbolismo e Jogo, Porto Alegre. PRODIL editora, 1994.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro. Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. Linguagem e Pensamento da Criança. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo. Rio de Janeiro. Vozes, 1992.

RUBINSTEIN, Edith. Psicopedagogia: Uma prática, diferentes estilos(org). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991,p.10.

SCOZ, Beatriz J.L. Psicopedagogia: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SALTINI, Cláudio J.P. Afetividade & Inteligência – Vol 1 – A emoção na Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Briquedoteca. A criança, o Adulto e o Lúcido. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

T.BARRY, Wadsworth. Inteligência e Afetividade da Criança (na teoria de Piaget). São Paulo: Pioneira 4ª Edição, 1994.

VISCA, Jorge. Novos contribuições da Psicopedagogia. Organização e Tradução – Andréia Moraes e M^a Isabel Guimarães: Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L.S, A formação social da mente. 4ª ed, São Paulo: Editora Livraria Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. A evolução da criança. São Paulo: Pioneira, 1968.